

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 7.12.2019 / Ano 155.º / N.º 55 017 / 3 euros / Diretor: Ferreira Fernandes

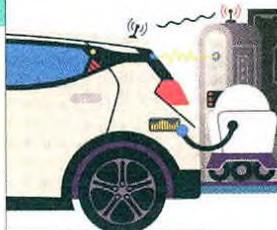
Nacionalidade volta à AR mas maioria chumba alterações à lei

Partidos à esquerda dos socialistas querem que todos os nascidos em Portugal tenham a nacionalidade. Para BE e Livre, ter cometido um crime também não deve ser impeditivo. Direita e PS não concordam. - P. 06



1864.
Porque consumimos?

8.º aniversário Dinheiro Vivo
Como vai ser Portugal na próxima década



PSD e maçonaria
Todos os candidatos têm ligações

- P. 08

REPORTAGENS

COP25 Os rostos da luta contra as alterações climáticas

Rita Rato Nunes, em Madrid - P. 22

Após 90 anos a votar Labour, Wakefield está ao alcance dos Tories por causa do Brexit

Susana Salvador, no Reino Unido - P. 28

Os esquecidos do **Sea Watch 3**

Paulo Pena, Maria Maggiore e Nico Schmidt, Investigate Europe - P. 04



Guerra Colonial
"É esta a última carta que te escrevo de Angola"

- P. 46

Santa Maria faz 65 anos

Nem só de médicos e enfermeiros vive o maior hospital do país

- P. 16



Os esquecidos do *Sea Watch 3*

Portugal acolheu cinco dos refugiados salvos no Mediterrâneo pelo navio alemão que o governo italiano queria impedir de aportar, em junho, e cuja capitã foi detida. Uma investigação do Investigate Europe revela que 11 dos refugiados continuam por realojar – incluindo uma mulher grávida – e estão num campo de detenção em condições desumanas.



PAULO PENA, MARIA MAGGIORE
E ENICO SCHMIDT*

Foi uma das notícias mais importantes de 2019: um barco de uma ONG alemã, o *Sea Watch 3*, desafiou a proibição do governo italiano e atracou em Lampedusa trazendo a bordo 40 refugiados salvos no Mediterrâneo. A sua capitã, Carola Rackete, de 31 anos, foi presa e acusada de vários crimes, como auxílio à imigração ilegal e “por resistência ou violência contra um navio de guerra”, porque o seu navio colidiu, no porto, com uma lancha da polícia italiana no tenso período em que a proibição colocava em risco a saúde dos passageiros e tripulantes que estavam há demasiado tempo no mar.

Portugal foi um dos poucos países europeus que se ofereceram para receber refugiados, a par com Luxemburgo, Finlândia, França e Alemanha. A maioria foi realojada. Mas os 11 que foram atribuídos à Alemanha ainda estão à espera da transferência. Apesar das promessas que lhes foram feitas e da atenção mediática, cinco meses depois essas pessoas, entre elas uma mulher grávida, vivem em condições desumanas.

Lucas Ebai é um jovem camaronês que continua à espera de voar para a Alemanha. Está num campo de refugiados no sul da Itália. Conta como foi salvo no momento certo de um pequeno barco de borracha, em risco de naufragar, pela tripulação do *Sea Watch*, em junho. Seguiu-se uma odisseia de duas semanas, antes que a capitã do navio, Carola Rackete, conseguisse largar a âncora do *Sea Watch* no porto de Lampedusa, com boa parte dos olhos do mundo postos naquele braço-de-ferro entre a jovem alemã e as ordens do governo italiano. Rackete foi presa em Itália, depois de aportar, causando um clamor na Alemanha. Ebai ainda não sabia, nessa altura, qual seria o seu futuro. “Fiquei simplesmente contente por ter terreno sólido debaixo dos meus pés outra vez”, diz ele.

Passados apenas alguns dias – e provavelmente graças à enorme cobertura mediática –, o governo alemão informou as autoridades italianas de que estava disposto a aceitar refugiados. Outros países também – como Portugal, o Luxemburgo, a França e a Finlândia. O acordo de distribuição com esses cinco países foi celebrado em Itália como um grande êxito pelo primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte. Apesar do desafio da ONG alemã, a Itália mantinha a sua política de



▲ A capitã do *Sea Watch 3*, a alemã Carola Rackete, de 31 anos, foi presa em Itália e acusada de vários crimes.

“portas fechadas”, como lhe chamava o então número dois do governo de Roma, Matteo Salvini. E podia mostrar resultados, apoiados pelas sondagens: mais de 60% dos inquiridos estava contra a entrada dos refugiados salvos no Mediterrâneo em Itália.

“Nenhum médico cuidou das pessoas”
Mas o que valem esses acordos assinados? A transferência é um procedimento volun-



Os 11 refugiados do *Sea Watch*, entre eles uma camaronesa grávida de seis meses, não têm acesso a cuidados médicos. Estas pessoas têm apenas ao seu dispor as roupas de verão que a tripulação do *Sea Watch* lhes deu quando os resgatou do mar.

ONG italiana ASGI (associação para os estudos jurídicos da imigração). “Os requerentes de asilo do *Sea Watch 3* não receberam assistência jurídica e social. Nenhum médico ou psicólogo cuidou das pessoas e até medicamentos lhes foram negados.”

Haidi Sadik, que trabalha para a ONG *Sea Watch*, conta o destino dos refugiados do *Sea Watch 3*: “No início de julho, os funcionários franceses interrogaram 12 pessoas e só decidiram aceitar nove, não se sabe porquê.” Mas este grupo “francês” foi o mais afortunado, porque pôde viajar para França no início de agosto. Depois, em meados de setembro, Portugal recolheu cinco pessoas, incluindo uma família com uma criança de seis meses. Seguiu-se o Luxemburgo (três pessoas) e a Finlândia com seis. A Alemanha, depois de ter enviado funcionários alemães para interrogar cada um dos candidatos, decidiu acolher 11. Estes são agora os únicos que ficaram para trás, e têm estado à espera do seu transporte há mais de cinco meses, sem fazer ideia de quando, ou mesmo se, isso irá realmente acontecer.

“Dever de solidariedade”

O governo de Berlim confirma o óbvio: que Ebaí e as outras dez pessoas ainda estão em Itália. Em resposta às perguntas do *Investigate Europe*, um porta-voz do Ministério do Interior explica: “Até agora, a Itália não transferiu nenhuma destas pessoas para a Alemanha.” O governo federal rejeita responsabilidades: “As transferências ao abrigo do chamado Regulamento de Dublin são feitas pelo Estado membro requerente, neste caso a Itália. As autoridades alemãs competentes não dispõem atualmente de uma data de transferência correspondente.” O Regulamento de Dublin, por outro lado, afirma: “O Estado membro que decidir examinar um pedido de proteção internacional assume as obrigações inerentes a essa responsabilidade.”

A inação do governo alemão é uma “situação insustentável”, critica Luise Amtsberg, porta-voz do grupo do Partido Verde no Parlamento alemão, responsável pelas políticas de refugiados. “A redistribuição dos refugiados deve ocorrer rapidamente, para salvaguardar o bem-estar das pessoas. O governo federal está ciente da situação precária dos que buscam proteção e deve poupar os afetados a cada dia mais que passam nesta espera indigna.”

Em junho, quando manifestaram o desejo de receber os refugiados – e a prisão da jovem Carola Rackete abriu os noticiários –, as declarações dos governos europeus, incluindo o alemão, eram generosas. “Portugal manifestou disponibilidade para receber cinco pessoas do grupo que aportou ontem, sexta-feira, no porto italiano de Lampedusa”, di-

tário e nenhum dos refugiados tem o direito legal de ser aceite por um país. Em Malta, em 23 de setembro, a França e a Alemanha apoiaram um acordo para a distribuição constante de migrantes. A Alemanha, representada pelo Ministro do Interior Horst Seehofer, disse inicialmente que não havia problema em realojar na Alemanha até 25% das pessoas salvas. Mas também deixou claro que essa percentagem só se aplica se os números totais permanecerem baixos.

Enquanto aguardavam pelo desfecho das negociações entre a Itália e os países de acolhimento, os refugiados do *Sea Watch 3* não foram bem tratados. “Estivemos fechados no hotspot de Messina durante as duas primeiras semanas, não pudemos sair do campo porque éramos diferentes dos outros. Devíamos sair rapidamente do país...”, diz uma rapariga da Costa do Marfim, que mais tarde foi realojada em França. Encontramo-la em Estrasburgo.

“Os centros *hotspots* são concebidos para acomodar pessoas nos poucos dias necessários para completar os procedimentos de identificação. Eles são, portanto, inadequados para acomodar cidadãos estrangeiros que esperam pelo fim dos procedimentos de redistribuição durante várias semanas e, muitas vezes, vários meses”, diz Annapaola Ammirati, di-

zia a nota à comunicação social divulgada pelos ministros da Administração Interna, António Cabrita, e dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva. Portugal tomara essa decisão “num espírito de solidariedade europeia” e pelo “dever de solidariedade humanitária”. Além disso, o problema obrigava a encontrar “uma solução europeia integrada, estável e permanente para responder ao desafio migratório”.

Esta não era, sequer, a primeira vez que Lisboa abria as portas aos refugiados salvos no Mediterrâneo. Fê-lo com os passageiros do *Lifeline*, *Aquarius I*, *Diciotti*, *Aquarius II*, *Sea Watch 3*, *Alan Kurdi* e outros pequenos barcos, tendo acolhido 127 pessoas durante 2018 e nos primeiros seis meses de 2019.

Mas o jogo do passa-culpas entre Berlim e Roma mantém os 11 refugiados do *Sea Watch 3* em terra-de-ninguém. No início de novembro, cinco meses depois de ter sido salvo no Mediterrâneo, Ebaí e os outros dez refugiados foram levados da Sicília para um campo no continente perto da cidade de Crotone. Ali vivem, guardados por soldados, numa zona de “transferência” de refugiados que serão enviados no futuro para outro país. A administração do campo impede-os de receber os benefícios sociais que estão garantidos àqueles migrantes que são acolhidos pela Itália. Isso inclui uma quantia em dinheiro, para compras de primeira necessidade. Os 11 refugiados do *Sea Watch*, entre eles uma camaronesa grávida de seis meses, não têm acesso a cuidados médicos especializados. Estas pessoas têm apenas ao seu dispor as roupas de verão que a tripulação do *Sea Watch* lhes deu quando os resgatou. Ebaí, que tem dor de dentes há semanas, só recebeu analgésicos – que já não são eficazes.

Na zona de transferência do campo de Crotone, Ebaí e os dez refugiados já não estão sozinhos. Recentemente, chegaram aqui 50 pessoas que foram resgatadas em setembro e outubro pelo navio norueguês *Ocean Viking*. Também lhes foi dito que serão realojados na Alemanha. A equipa italiana espera um procedimento mais rápido no futuro: com a recolocação concluída em não mais de quatro semanas, dizem fontes oficiais. Mas, por agora, os refugiados estão à espera e ninguém sabe por quanto tempo.

“Investigate Europe é um projeto que junta nove jornalistas de oito países europeus. Este trabalho foi financiado em Portugal pela Fundação Calouste Gulbenkian e na Europa pelas fundações Cariplo, Milão, Stiftung Hübner und Kennedy, Kassel, Fritt Ord, Oslo, Rudolf Augstein-Stiftung, Hamburgo, GLS, Alemanha, e Open Society Initiative for Europe, Barcelona.

Os casos

Estas são as transferências de refugiados por concluir, dos navios que chegaram à Sicília e a Taranto (dados da Borderline Sicília), entre junho e novembro de 2019.

SICÍLIA, TOTAL DE CHEGADAS: 630

► **24.06.19** *Sea Watch 3*, 40 pessoas. Alemanha (11, por realizar).

► **22.08.19** *Open Arms*, 70 pessoas: algumas transferidas para França a 26 de novembro. Países que vão acolher: Alemanha, Luxemburgo, Espanha, Portugal.

► **15.09.19** *Ocean Viking*, 80 pessoas + 24.09.19 *Ocean Viking* 84 pessoas: os realojamentos serão feitos na Alemanha, em Portugal e no Luxemburgo. A França já transferiu 53 pessoas de ambos os desembarques

► **31.10.19** *Ocean Viking*, 104 pessoas: 70 transferidos para a Alemanha e França (o resto será em Itália).

► **24.11.19** *Ocean Viking*, 212 pessoas, das quais 50 menores não acompanhados que permanecerão em Itália (as distribuições não se aplicam a menores).

► **27.11.19** *Aïta Mari*, 79 pessoas: países de destino: Alemanha, França, Malta.

TARANTO (SUL DE ITÁLIA), TOTAL DE CHEGADAS: 337

► **16.10.19** *Ocean Viking*, 176 pessoas. 33 menores. Países: Alemanha, Malta, França.

► **03.11.19**, *Alan Kurdi*, 88 pessoas: Alemanha e França acolherão 60 pessoas, Portugal cinco, Irlanda dois. 21 permanecerão em Itália.

► **25.11.19** *Open Arms*. 62 pessoas. Países: Alemanha, Malta, França.